

Novas teorias no ensino de línguas em Moçambique: o trabalho com a entonação valorativa em sala de aula

New theories in language teaching in Mozambique: working with the evaluative intonation in the classroom.

Arcedes José Manuel¹

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana

RESUMO

Este estudo analisa os conceitos axiológicos, principalmente o da entonação valorativa, na medida em que pode ser aproveitada como recurso para o ensino da leitura em sala de aula pelo professor, bem como pelo aluno. Desse modo, a pesquisa objetiva discutir como a entonação valorativa permite a formação de leitores-ativos no trabalho com os gêneros discursivos. Metodologicamente, o estudo ancorou-se na análise dialógica do discurso (ADD) e na análise de conteúdo (AC). Teoricamente, o estudo recorre aos conceitos de entonação valorativa (Volochinov, 1926; Dahlet, 1997; Bezerra e Menegassi, 2022; Bakhtin, 2003; Menegassi e Cavalcanti, 2013), bem como na noção de enunciado (Volochinov, 2017, 1929; Mendes-Polato, 2018; Beloti e Menegassi, 2018 e Volochinov, 2013a, 1930). Como resultados do estudo, foi notável a importância do conceito da entonação valorativa no ensino da leitura em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE:

Palavras-chave 1. Entonação Valorativa 2. Ensino de Línguas 3. Produção de sentidos.

ABSTRACT

This study analyzes axiological concepts, mainly that of evaluative intonation, to the extent that it can be used as a resource for teaching reading in the classroom by the teacher, as well as by the student. In this way, the research aims to discuss how evaluative intonation allows the formation of active readers when working with discursive genres. Methodologically, the study was anchored in dialogic discourse analysis (ADD) and content analysis (CA). Theoretically, the study uses the concepts of evaluative intonation (Volochinov, 1926; Dahlet, 1997; Bezerra and Menegassi, 2022; Bakhtin, 2003; Menegassi and Cavalcanti, 2013), as well as the notion of utterance (Volochinov, 2017, 1929; Mendes-Polato, 2018; Beloti and Menegassi, 2018 and Volochinov, 2013a, 1930). As a result of the study, the importance of the concept of evaluative intonation in teaching reading in the classroom was notable.

KEYWORDS:

Keyword 1. Evaluative Intonation 2. Language Teaching 3. Production of meanings.

Recebido em: 18/02/2024

Aceito em: 20/10/2024

¹ E-mail: arcedesjosemanuel1@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3796-7084>.

Introdução

Se, em sala de aula, as perguntas são uma das ferramentas de ensino, torna-se viável estudá-las, pois possibilitam a fluência crítica na leitura dos alunos-leitores (Fuza e Menegassi, 2020, p.65).

Pelo interesse em refletir sobre as novas teorias no ensino de línguas em Moçambique, principalmente no trabalho com a entonação valorativa em sala de aula, pensamos através desse estudo, discutir como se manifestam as atividades de leitura apresentadas nos livros didáticos de ensino. Por essa razão, partimos ancorados aos pressupostos do Círculo de Bakhtin, já que esse Círculo se responsabilizou por uma viragem bastante significativa para o estudo da Linguística, pois por meio deles se passou a considerar o texto como um elemento que carrega consigo marcas sociais, históricas, ideológicas e até mesmo culturais.

Por via disso, a forma como o texto passou a ser visto, representou o contrário da forma apresentada anteriormente por Ferdinand de Saussure, pois para este, a significação de uma mensagem, seja escrita ou oral, deveria ser compreendida em função da própria sequência linguística, isto é, a parte puramente linguística.

Entretanto, as abordagens do Círculo de Bakhtin, apresentadas principalmente por Volochinov, em *Discurso na Vida, Discurso Arte (1926)*, destacam que todas as avaliações e outras similares, qualquer que seja o critério que as rege (ético, cognitivo, político ou outro) levam em consideração muito mais do que aquilo que está incluído dentro dos fatores estritamente verbais (linguísticos) do enunciado. Juntamente com os fatores verbais, elas também abrangem a situação extraverbal do enunciado.

Dessa maneira, esses julgamentos e avaliações referem-se a um certo todo dentro do qual, o discurso verbal ou escrito envolve diretamente um evento na vida e funde-se com este, formando uma unidade indissolúvel. Assim, o discurso verbal em si, tomado isoladamente como um fenômeno puramente linguístico, não pode, naturalmente, ser verdadeiro ou falso, ousado ou tímido (Volochinov, 1926).

Entretanto, pensamos que é preciso que se construa uma postura reflexiva, quer se considerando o aluno como um ser social, quer se considerando como um sujeito interlocutor, que para compreender determinados enunciados e constituir sentidos precisa considerar a entonação valorativa como um dos elementos associados ao enunciado, pois permite que o aluno

na condição de aprendente, possa refletir e relacionar os gêneros discursivos apresentados com situações reais do seu mundo, dado que só assim é que os gêneros apresentados nos livros didáticos poderão ser explorados de forma eficaz.

Nesse estudo, pretendemos complementar colaborando com o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano de Moçambique com propostas de atividades que, através dos gêneros discursivos disponibilizados no livro didático de Língua Portuguesa, podem explorar e ajudar o aluno a compreender o discurso que está marcado no texto, através da entonação valorativa, por nela considerar-se importante na constituição de sentido de um enunciado, bem como contribui na formação da atitude responsiva do aluno.

Assim sendo, sobre a entonação, Dahlet (1997, p. 250), esclarece que o sentido de voz, nos estudos do Círculo, “é mais de ordem metafórica, porque não se trata concretamente de emissão vocal sonora, mas de memória semântico-social depositada na palavra”. Na realidade, no discurso verbalmente expresso, a parte verbal tende a se apresentar acompanhada de outros elementos entonacionais, pois a fala é realizada pela voz do sujeito falante, por sua entonação, pelos gestos e, também, pelas expressões faciais, num conjunto axiológico (Dahlet, 1997, p. 250).

Desse modo, o sujeito (aluno), ao assumir o lugar de enunciador, adota um posicionamento em relação ao objeto de sua fala, que descreve uma relação emotivo-volitiva também com o outro a quem sua palavra é dirigida. Por isso, o objectivo central deste estudo é a discussão de como a entonação valorativa enquanto conceito axiológico auxilia na produção de sentidos no ensino da leitura em sala de aula.

Nesse sentido, compreendemos que decorre a importância de se considerar a entonação valorativa na abordagem do texto, enquanto elemento de ensino de leitura e de escrita, justamente porque, ao manifestar-se nas perguntas de leitura, ela coadjuvará na constituição dos sentidos na interação estabelecida, por conseguinte, contribuirá com a construção de posicionamento responsivo ativo do aprendente.

Para a análise das informações da pesquisa, utilizaremos recortes de atividades de leitura do livro didático de Língua Portuguesa, da 7ª classe, do ensino primário² moçambicano, utilizado em todas as escolas do país. No entanto, apesar do livro ter sido introduzido nas escolas moçambicanas no ano de 2004, até hoje (2024), ele continua sendo usado, sendo o único livro existente para essa fase de escolarização em todo país.

² Nesta pesquisa, utilizamos o termo “Ensino Primário”, para se referir o que seria equivalente ao “Ensino Fundamental”, no Brasil.

Com essa situação, ratificamos, a partir desse estudo, que em países do continente africano, no caso específico de Moçambique, a nível educacional, a mudança de um livro para o outro, leva bastante tempo, pois as dificuldades econômicas e de gestão pública são bastante enormes.

Por isso, pelo fato de ser o único livro didático usado em quase todas as escolas do país, consideramos importante estudá-lo e usá-lo como objeto para a constituição do *corpus* da nossa pesquisa e, compreender, a partir dele, como as propostas de atividades de leitura auxiliam na formação de alunos-leitores ativos por meio da aplicação do conceito da entonação valorativa do Círculo de Bakhtin. Assim, portanto, na próxima seção, apresentamos a discussão da base teoria do estudo.

2 Dialogando com a teoria

2.1 A entonação valorativa no ensino de línguas

Atualmente, a análise do discurso (AD) tem sido uma área de estudo que suscita muitas pesquisas. Por isso, ancorados nessa teoria, procuramos compreender a leitura na perspectiva dialógica, uma vez que é através da leitura que se constrói alunos leitores-ativos, principalmente na transição do nível básico para o nível médio.

Razão pela qual, o sentido do dizer e a sua atualização somente se efetivam em contextos de interação, o que leva a inferir que o entendimento de um enunciado está condicionado à apreciação de elementos axiológicos (Bakhtin, 2010, 1986), valorativos, uma vez que, o tom do discurso está sempre direcionado ao outro (princípio de alteridade) e à situação de interação estabelecida, ao se dar o compartilhamento dos valores sociais e históricos, porque o elemento afectivo, próprio da natureza humana, se manifesta na e pela entonação valorativa (Bezerra e Menegassi, 2022, p. 195).

Ao seguir essa linha de pensamento, Dahlet (2005) explica que, como o enunciado se dá numa esfera ideológica, sempre expressa uma posição avaliativa permitindo inferir que é a entonação que materializa a avaliação social. Mas afinal, o que é entonação? Pois bem, partindo do conceito dicionarizado do termo, compreende-se que:

Chamam-se de entonação as variações de tom laríngeo que não incidem sobre um fonema ou uma sílaba, mas sobre uma sequência mais longa (palavra, sequência de palavras) e formam a curva melódica da frase. São utilizadas, na fonação, para veicular fora da simples enunciação informações complementares,

de que um certo número, as mais simples, são reconhecidas pela gramática: a interrogação (frase interrogativa), a cólera, a alegria (frase exclamativa), etc. A entonação contém os elementos afectivos, conotativos, estéticos, pelos quais os sentimentos e as emoções se unem à expressão das ideias [...] (Dubbois, 2006).

Nessa citação, percebe-se que se trata de uma visão ligada às variações do tom laríngeo, vista, então, como um recurso não-linguístico do falar, que marca o ritmo, o timbre e a velocidade da voz, mostrando ainda, se o tom da fala foi articulado como agudo ou grave. A entonação, assim definida, confere qualidade à voz. Já a abordagem bakhtiniana, contempla essa vertente, no entanto, transcende-a, amplia seus horizontes sociais.

Os estudos desenvolvidos no Círculo (1926), nos mostram que a manifestação do dizer mantém uma relação com a realidade concreta do sujeito falante, assim, o signo visto pela ótica puramente linguística, não pode expressar, por exemplo, se algo é belo ou é feio, pois é um tipo de avaliação que nasce na relação com o outro, então a palavra tem sempre a voz de alguém impressa nela.

Nessa lógica, em qualquer palavra há vozes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente manifestadas em material linguístico de formas diversas e em materiais semióticos também diversificados (Bakhtin, 2003, p. 330).

Nesses moldes, entendemos que as palavras mesmo que pronunciadas com alteração do timbre da voz, modulação diferenciada, entre outros elementos, não são totalmente autossuficientes, pois é necessário se compreender que em cada enunciado/palavra encontra-se impressa a voz do sujeito enunciadador ou voz do coletivo social no qual o indivíduo faz parte. Essas vozes são construídas por meio da interação e são fundamentais para a constituição da significação de um enunciado ou gênero discursivo.

Por essa razão, para o Círculo de Bakhtin (1926), “a entonação é incumbida de estabelecer o vínculo entre a palavra-discurso e os aspectos constitutivos do comportamento e das ações humanas, pois lhe compete o papel de coadjuvar na produção do sentido”. Já para Menegassi e Cavalcanti (2013, p. 440), a entonação está relacionada ao outro, “sua escolha depende do significado que o locutor quer dar ao enunciado, fazendo com que uma mesma palavra atenda a diferentes enunciações”.

Posição semelhante também pode ser constatada nos estudos de Sobral (2009), especialmente, quando o autor faz referência ao caráter valorativo da linguagem, afirmando que

“todo discurso traz em si a valoração pelo locutor do dito e do modo de dizer [...]. Há, portanto, em todo discurso, um ajuste, uma negociação [...]” (Sobral, 2009, p. 87) que suplanta a forma, justamente porque as entonações avaliativas dependem de maneira absoluta da posição social ocupada pelos interlocutores, do papel assumido e das relações mantidas entre eles, numa dada situação de comunicação.

Dessa maneira, compreendemos que é através da entonação que se constitui o sentido nos enunciados, uma vez que o interlocutor precisa adentrar no universo axiológico de produção do enunciado, para a compreensão das intenções comunicativas e discursivas do outro. Por isso Menegassi e Cavalcanti (2013, p. 440), defendem que a entonação está relacionada ao outro, ou seja, percebe-se que existe um jogo interacional entre os interlocutores em todo momento de manifestação da linguagem.

Por outro lado, de acordo com a concepção dialógica do Círculo de Bakhtin, a realidade da linguagem está na interação discursiva que ocorre por meio de enunciados concretos (Volochinov, 2017a, 1929a). Esses enunciados congregam uma série de questões inerentemente sociais, operam refrações e, portanto, constituem-se ideológicos, uma vez que os indivíduos, com suas enunciações, tomam uma posição no mundo (Acosta-Pereira; Rodrigues, 2014). Portanto, a linguagem não se define apenas como um meio pelo qual as pessoas se expressam e se comunicam, mas como um local de conflito entre diferentes classes sociais.

Dessa forma, o indivíduo, para enunciar, antecipa o contexto geral de enunciação, ou seja, o local de interação. Isso inclui a percepção da própria posição social, bem como a do interlocutor, as relações de classe, o contexto imediato e o contexto mais amplo, as possíveis consequências da enunciação e as prováveis respostas adquiridas com ela. Em outras palavras, assume-se, nesse ponto, uma atitude responsiva (Volochinov, 2017a, 1929a).

Com isso, notamos que toda interação deve ser contextualizada, ou seja, deve existir um auditório onde os sujeitos assumem suas posições, pois é assim e através desse auditório que os interlocutores vão considerar as condições de produção, extraverbal, a entonação entre outros elementos para a constituição da significação, já que os enunciados não podem ser vistos fora deste manancial, nem vistos como neutros.

Entretanto, os indivíduos deverão também considerar as posições axiológicas existentes entre eles, uma vez que quando nos dirigimos ao outro, por exemplo, colocando uma ordem, este outro poderá não obedecer dependendo da posição de quem dá a ordem, mas poderá existir

casos em que esse outro obedecerá plenamente, por isso, toda palavra procede de alguém e se dirige a alguém, dependendo de suas intenções comunicativas.

Nessa perspectiva, define-se que o ato de enunciação não depende apenas da materialidade verbal, sonora, imagética que é perceptível de uma maneira igual por todos os falantes de uma dada situação. Ela depende, também, de um contexto extraverbal que se caracteriza como um conjunto de compreensões implícitas (Volochinov, 2013a, 1926b). Nesse sentido, o contexto extraverbal congrega “1) um horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes [...]; 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação, igualmente compartilhado pelos dois, e, finalmente, 3) a valoração compartilhada pelos dois, desta situação” (Volochinov, 2013a, 1926b, p. 78). Nesses três pontos, há uma relação conjunta entre indivíduos, pois eles precisam vislumbrar um contexto, compreendê-lo e atribuir à situação que nele ocorre uma valoração.

Essa valoração ocorre, sobretudo, amparada na posição ideológica que é dominante no contexto, apropriada por uma determinada condição de classe, assim, sustentada por um auditório social amplo (Volochinov, 2017a, 1929b). Destaca-se ainda que, toda comunicação, independente de suas características, inclui julgamentos de valor, sejam direcionados ao objeto de apreciação ou ao próprio interlocutor, quando posto em posição inferior, transformado em objeto (Volochinov, 2013, 1926a).

Assim, para Volochinov (2017a, 1929b, p. 236), “não existe enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa. Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia. Portanto, na enunciação, o indivíduo avalia o interlocutor, avalia o objecto, mas isso não é feito de maneira estritamente pessoal. Os valores que entram em jogo na verbalização são trazidos de um contexto extraverbal que, por sua vez, fornece certos posicionamentos àqueles que estão em diálogo.

Com essas palavras, entendemos que todo enunciado é carregado de uma avaliação social, essa avaliação tem um suporte da sociedade que constitui o indivíduo como tal. Nesse sentido, a tarefa é dada ao interlocutor para atribuir um dado juízo avaliativo para cada enunciado na situação de interação. Assim, o reconhecimento dos três elementos que compõem a situação extraverbal garante a compreensão do enunciado e a de sua entonação. Portanto, na próxima seção, nos dedicamos a discutir sobre o enunciado.

2.2 Enunciado: condição para a efetividade da entonação valorativa

Para aprofundar os conceitos de valoração e entonação, faz-se necessário retomar-se a noção de extraverbal. Extraverbal é aquilo a) conjuntamente visto; b) conjuntamente sabido e; c) conjuntamente avaliado. Para que uma enunciação seja efetiva, suscite resposta, os falantes precisam vislumbrar o mesmo objeto de referência. Da mesma forma, ambos falantes necessitam conhecer (ou buscar conhecer), ao menos superficialmente, esse objeto; e, por fim, precisa haver uma avaliação de ambas as partes. Se houver apenas um olhar, um conhecimento, uma avaliação, não há diálogo e nem interlocução (Volochínov, 1926 *apud* Ângelo e Czerevaty, 2019).

Com essas palavras, compreendemos a noção de extraverbal, que engloba este domínio tripartido que deve funcionar de forma paralela. Ou seja, nenhum elemento deve ser visto de forma separada, e nenhum é mais ou menos importante que o outro. O extraverbal é que ajuda os sujeitos a compreenderem as condições de produção de um dado enunciado, a permitir a constituição de sentidos.

No entanto, um dado não menos interessante para a compreensão da entonação valorativa segundo Acosta-Pereira e Rodrigues (2014, p.179), deve partir da noção de ideologia, pois para o Círculo de Bakhtin, a ideologia é “[...] a expressão de uma tomada de posição”. O sujeito nunca será indiferente ao objeto de apreciação, mas sempre se posicionará em relação a ele, seja com apreciação, depreciação, elogio, crítica, ironia, dentre outras possibilidades.

Por outro lado, mesmo quando o indivíduo se silencia diante de algo, sua posição já está determinada; mesmo quando parece intocado pelo acontecimento, este germina em sua consciência e determina outras ações no decorrer da história, em suma, a “tomada de posição” é vital ao próprio ser humano e, portanto, à linguagem (Acosta-Pereira e Rodrigues, 2014, p.179).

Com isso, percebe-se que o sujeito marca suas posições sempre em relação ao outro, essas posições, nesse viés, acreditamos que devem ser respeitadas por esse outro, porque como afirma Faraco (2009) “um mesmo objecto pode receber valorações diferentes dependendo da posição ocupada por cada interlocutor”. Enquanto para Volochínov (2017, 1929), “[...] não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa” (p. 208), já que “sem uma ênfase valorativa não há palavra” (p. 233) e, conseqüentemente, “não existe enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa.

Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia” (p. 236). Isso esclarece que a linguagem não se basta por uma estrutura objetiva, de significação sistêmica das palavras, mas envolve a questão valorativa.

Nessa fala de Volochínov (2017, 1929), pensamos que é muito importante considerar a orientação social avaliativa como uma das características da entonação valorativa definidas pelo Círculo, na medida em que, as palavras mesmo que respeitem as regras de estruturação dentro de uma sequência linguística, precisam ademais, para a constituição da significação, que o interlocutor atribua valoração em função da sua própria orientação, por um lado, por outro considerando as condições de produção desse enunciado. Com isso, temos a noção que o sentido de um enunciado não está na sequência linguística, mas sim na avaliação que este sujeito atribui ao enunciado.

Nesse âmbito, Volochínov (2013, 1926, p. 81) destaca que “[...] “é na entonação que a valoração encontra sua expressão mais pura. A entonação estabelece um vínculo estreito entre a palavra e o contexto extraverbal: a entonação viva parece conduzir a palavra além das fronteiras verbais”. O autor acrescenta que “mediante a entonação, a palavra se relaciona diretamente com a vida” (Volochínov, 2013, 1926, p. 82).

Aqui, percebemos que a entonação se associa ao extraverbal, e é através desse extraverbal que contemplamos a fronteira do dito e do não dito num enunciado. Porque compreendemos que os enunciados estão a serviço da valoração atribuída pelos sujeitos. Portanto, nesse processo em que o sujeito atribui valoração para um dado enunciado, está automaticamente relacionado com algum acontecimento do seu dia a dia, em sociedade (enunciado concreto).

Nos termos de Volochínov, “a entonação é o condutor mais dúctil, mais sensível, das relações sociais existentes entre os falantes de uma dada situação. [...] a entonação é a expressão sonora da valoração social” (Volochínov, 2013, 1930). Por sua vez, Mendes-Polato, Beloti e Menegassi (2018) destacam que “a entonação dada a partir da apreensão social é condição para que o ser se reflecte próprio e posicionado por meio da palavra-discurso”, pois “a palavra só será própria quando povoada de intenção, acento, quando dominada por meio do discurso na sua orientação semântica e expressiva em direcção social” (Mendes-Polato, Beloti e Menegassi, 2018, p. 593).

Assim, as relações sociais são estabelecidas pela entonação, pois conferem ao sujeito a responsabilidade autoral, inerente à valoração, à posição tomada. Aqui compreendemos que através de um enunciado, dito de forma oral ou escrita, se o sujeito atribuir valoração a este enunciado e considerar a questão da orientação social avaliativa, conseguirá constituir sentidos e adentrar no universo axiológico de produção dos interlocutores, isto é, o sujeito irá reconhecer e ter a imagem acústico-emotiva que estão por detrás da produção do enunciado.

A entonação, dessa forma, estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal. É responsável por transportar o discurso para além das fronteiras do verbal, por estar na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não dito, sendo compreensível juntamente com o julgamento de valor estabelecido pelo enunciado e o próprio acto comunicativo, (Volochínov, 2013).

Nesse caso, a entonação é a marca pessoal do locutor, sua presença e seus valores no enunciado. Por exemplo, o enunciado: “– Mãe!”. Tomado isoladamente, é um enunciado vazio, mas se pronunciado com entonação expressiva pode ter diferentes significações, causando valores diversos aos interlocutores. O que vai determinar o sentido é o contexto extraverbal no qual estiver inserido.

Assim sendo, entendemos que os enunciados não devem ser compreendidos de forma isolada, se assim suceder-se, estaremos longe de constituir sentidos ao enunciado, que muitas das vezes não se encontra explícito. Em outras palavras, existe um auditório pelo qual o enunciado é instituído e percebido, contexto sócio-historicamente-situado, onde através desse contexto é possível desvelar o tema, o estilo e a organização composicional do enunciado.

Como se não bastasse, acreditamos que essas características podem também estar presentes no material escrito, o que exige dos leitores um conjunto de conhecimentos que permitirão a constituição de sentidos nos enunciados. Diante disso, na próxima seção, apresentamos a metodologia definida para esta pesquisa.

3 Percorso Metodológico

Para a constituição e análise das informações, utilizamos neste estudo dois dispositivos: a análise dialógica do discurso (ADD), e a análise de conteúdo (AC). Com isso, com base no primeiro dispositivo, a análise dialógica do discurso, destacamos que tem como característica fundante “não aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir de um ponto de vista dialógico, num embate”, (Brait, 2006, p.24). Pois, a análise dialógica do discurso é utilizada como teoria de compreensão paralela para expandir os tratamentos indutivos e dedutivos de dados, de modo a sustentar uma compreensão ativa do desenvolvimento histórico do objeto, como também serve para a compreensão do discurso.

A análise dialoga do discurso prevê as seguintes etapas: 1. descrição; 2. análise e; 3. interpretação. A descrição, que corresponde a primeira etapa, é o primeiro contato do/a pesquisador/a frente a seu objeto de estudo, a preocupação dessa etapa é apresentar o objeto

em sua configuração geral e específica. Dessa forma, esse momento deve estar atento às esferas de produção, circulação e recepção dos enunciados concretos que englobam o *corpus* do estudo (Destri e Marchezan, 2021).

Sendo assim, para o nosso estudo, essa etapa ocorreu quando procedemos a seleção e escolha do livro didático de Língua Portuguesa, da 7ª classe, como *corpus* para a constituição da nossa pesquisa. Para além disso, essa etapa ocorreu quando realizamos observação atenta das atividades de leitura dispostas no livro didático tomado como *corpus* nesse estudo para aplicar o conceito da entonação valorativa.

Por conseguinte, a análise, que corresponde a segunda etapa da ADD, diz respeito a uma atividade minuciosa de apreender os fios ideológicos que compõem os enunciados e discursos, articulando relações e considerando os componentes extralinguísticos do *corpus*. Esse processo diz respeito a enxergar o objeto na posição de desconhecido e a sua compreensão exige, inevitavelmente, considerar outras vozes que podem construir para o aprofundamento reflexivo do objeto estudado.

Por fim, a interpretação, que corresponde a terceira etapa da ADD, envolve “a observação dos sentidos construídos a partir dos aspectos de singularidade e relativa estabilidade do *corpus*” (Destri e Marchezan, 2021, p. 17). Esse ato valoriza a singularidade do olhar interpretativo do/a pesquisador/a frente a relativa estabilidade do *corpus* construído. A relativa estabilidade direciona o/a pesquisador/a a observar “padrões linguístico-discursivos, ao ser observada e analisada, pode ser, por fim, interpretada em seu caráter genérico, com todos os elementos analíticos já produzidos engajados” (Destri e Marchezan, 2021, p. 18).

Já a análise de conteúdo (AC), para Bardin (1977, p. 30), é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” que tem por objetivo enriquecer a leitura e ultrapassar as incertezas, extraíndo conteúdos por trás da mensagem analisada e pode ser aplicada tanto na pesquisa quantitativa, como na investigação qualitativa.

Enquanto o segundo dispositivo, que corresponde a análise de conteúdo (AC), prevê três polos cronológicos: 1. a pré-análise; 2. a exploração do material e; 3. o tratamento dos resultados. A pré-análise envolve três missões: a escolha flexível, porém precisa e fundamentada do material a ser submetido à análise; a formulação de hipóteses e dos objetivos; e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final.

Ela tem por objetivo a organização não estruturada, aberta e envolve: a) a leitura flutuante, que se torna mais precisa em função de hipóteses emergentes e; b) a escolha dos

documentos, pautada na demarcação do “gênero de documentos sobre os quais se pode efetuar a análise” (Bardin 1977, p. 96) e que pode desfechar na constituição de um *corpus*. Essa etapa da AC, dialoga com a primeira etapa da ADD.

Enquanto a exploração do material, que corresponde a segunda etapa da AC, diz respeito ao momento de tratar o material coletado na fase anterior, transformando-o em dados passíveis de serem analisados, através de operações de codificação. O processo de codificação dos materiais implica o estabelecimento de um código que possibilite identificar rapidamente cada elemento da amostra recortada para pesquisa.

Assim sendo, para a nossa pesquisa, essa etapa ocorreu na medida em que após termos selecionado as atividades de leitura para a constituição do *corpus* da pesquisa, termos atribuído a elas categorias para identificar as atividades, através da indicação da designação (atividade de leitura), seguido do número que corresponde a atividade de leitura no plano de análise, da seguinte maneira (atividade de leitura 1), assim em diante. Essa etapa, dialoga com a segunda etapa da ADD.

Por fim, a interpretação, que corresponde a terceira etapa da AC, envolve o estabelecimento de significação nova a estas características. Bardin (1977) esclarece que a interpretação proposta pelo método da AC consiste em descobrir por detrás do discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, um sentido não explícito. Nessa etapa, portanto, espera-se a revelação de conceitos, resultantes da discussão com a teoria. Portanto, com base nisso, na próxima seção, nos dedicamos na análise e interpretação da materialidade a luz da metodologia apresentada.

4 Análise e interpretação da materialidade

A nossa materialidade é o livro didático da 7.^a classe, de Língua Portuguesa, da autoria de Simão Muhate, Sandra Mourana, Clementina Massango e Filipe Macie, intitulado “*Regras de Comunicação*”, cuja editora é a Longman Moçambique, Lda. O manual está registrado no INLD sob o número: 4368/RLINLD, do ano de 2004. Esse livro, apesar da sua data, continua sendo usado atualmente nas escolas moçambicanas.

Nesse sentido, a razão que nos levou a escolher o livro didático da 7.^a classe para a constituição do *corpus* desta pesquisa assenta-se em dois aspetos fundamentais: o primeiro pelo fato de a 7.^a classe ser referência no ensino da Língua Portuguesa em Moçambique, por isso, o seu ensino é obrigatório e gratuito em todo país. Segundo, porque a Língua Portuguesa é a base de

compreensão de outras áreas, neste caso, se um aluno tem dificuldades de compreensão em língua portuguesa, terá consequentemente dificuldades de compreender as outras disciplinas.

Figura 1: Livro didático de Língua Portuguesa, da 7ª classe, de Moçambique.



Fonte: <https://www.google.com/url?sa=i&url=http%3A%2F%2Fconhecimento.co.mz>.

Atividade 1

A atividade número 1 do nosso *corpus* encontra-se registrada na página 55 do livro didático, no gênero discursivo instrução. Nesse gênero, são apresentadas três atividades de leitura, que mais abaixo são o nosso foco de análise. Antes da leitura do texto, são apresentadas duas recomendações, e depois da leitura são apresentadas três atividades, como vistas a seguir: a) Tu mesmo podes instruir alguém sobre como se pode fazer alguma coisa que tu sabes muito bem-fazer. Procura, então, ensinar os teus colegas a fazerem alguma coisa que tu sabes; b) Lê atentamente as instruções seguintes.

Depois da leitura, são apresentadas as seguintes atividades:

- 1 Depois da leitura que fizeste do texto, reescreve por palavras tuas as instruções dadas para confeccionar um envelope e faz um envelope seguindo os passos acima.

Oralidade e escrita

- 2 Em grupos de três, produz instruções orais sobre como ir à escola, ao posto de saúde e ao mercado.
- 3 Escreve um texto, instruindo as pessoas sobre como se atravessa uma estrada movimentada.

Comentário analítico 1

Olhando para essas atividades de leitura, acreditamos que o conceito de entonação valorativa pode ser explorado, uma vez que o gênero manifestado nele constitui uma prática social que os indivíduos em sociedade se apropriam. Dado que sempre procuramos instruções de como fazer algo ou se dirigir a um local e, em função disso, recorremos ao gênero instrução. Por via disso, de acordo com Florin (*apud* Bezerra e Manegassi (2021, p. 181), “a assimilação dos valores compartilhados se constitui em uma condição essencial para a construção das respostas a serem dadas pelos alunos”.

Assim, na recomendação da alínea A “Tu mesmo podes instruir alguém sobre como se pode fazer alguma coisa que tu sabes muito bem-fazer. Procura, então, ensinar os teus colegas a fazerem alguma coisa que tu sabes”, vê-se que o aluno para poder ensinar os seus colegas através da instrução, precisa se fazer algumas perguntas, tais como Geraldi (1997, p. 69-71) propõe: 1. Quem sou eu para falar-lhes assim? 2. Quem são eles (os meus colegas) para eu falar-lhes assim? 3. De que lhes falo eu? Com isso, se percebe que nesses questionamentos, que devem orientar o

aluno a responder ativamente a primeira recomendação, estão marcados os possíveis julgamentos de valores que são construídos socialmente, carregados da ideologia constitutiva do grupo ao qual o aluno pertence.

Logo, o aluno precisa estabelecer um diálogo com o seu mundo, de modo que compreenda qual tipo de instrução poderá apresentar para os seus colegas, e dos possíveis efeitos que esta causará, uma vez que de acordo com Bakhtin e Volochinov (2006, p. 95) [...] “a palavra está a serviço de qualquer indivíduo e de qualquer posição avaliativa, se manifesta em todas as relações sociais, o que implica dizer que nós reagimos àquelas que nos despertam ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida, os ecos valorativos dos discursos e valores dos grupos a que pertencemos”.

Em torno da atividade número 1 em “Depois da leitura que fizeste do texto, reescreve por palavras tuas as instruções dadas para confeccionar um envelope, e faz um envelope seguindo os passos acima”, para a resposta, os autores do livro didático solicitam que o aluno realize uma atividade de reescrita usando suas próprias palavras. Portanto, acreditamos que essa atividade se bem trabalhada pelo professor na sala de aula, pode levar o aluno no momento de reescrita, a compreender a memória semântico-vocal depositada na palavra, para a compreensão da atividade proposta.

Assim sendo, implica dizer que ao fazer um envelope seguindo as instruções dadas no texto, o aluno precisa também ter uma imagem do envelope a fazer, uma vez que só assim é que ele poderia produzir um envelope exigido na pergunta. Caso contrário, o aluno poderá seguir as instruções, todavia produzir um outro objeto. Por isso, reiteramos que o conhecimento do nosso interlocutor ou dos objectos à nossa volta são fundamentais para a produção de sentidos. Porque poderia se dar o caso em que o aluno seguindo as instruções dadas no texto e usando o mesmo material, produza um objeto que não seja o envelope, e como ele não tem uma imagem do envelope, considere como certa a sua produção, enquanto na verdade, não é o que se pretendia.

Na pergunta 3 em “Escreve um texto, instruindo as pessoas sobre como se atravessa uma estrada movimentada. Para essa pergunta, o aluno precisa considerar o extraverbal, na medida em que de acordo com Bakhtin (2006) e Volochinov (2013), “a entonação, extraverbal e julgamento de valor são conceitos que funcionam em conjunto e constituem a nossa linguagem e o nosso existir humano”.

Assim, o aluno precisa imaginar uma situação concreta de vida, em uma rua movimentada, com pessoas, carros, bicicletas saindo de um lugar para o outro. Acreditamos que só assim é que o

aluno poderá conseguir instruir os seus colegas a atravessar uma rua movimentada, por isso que uma situação prática de vida experienciada pelo aluno pode ajudar o aluno a construir uma instrução ensinando como se atravessa uma estrada movimentada, caso contrário, constituirá uma atividade improdutiva, porque de acordo com Volochínov (2017, 1929), “[...] não pode haver vivência sem ao menos uma orientação social valorativa” (p. 208), já que “sem uma ênfase valorativa não há palavra” (p. 233) e, conseqüentemente, “não existe enunciado sem avaliação. Todo enunciado é antes de tudo uma orientação avaliativa.

Por isso, em um enunciado vivo, cada elemento não só significa, mas também avalia” (p. 236). Como proposta de atividades que poderiam ser exploradas nesse gênero discursivo, poderiam ser consideradas as seguintes:

- 1 Imagine que alguém esteja perdido e não consiga chegar ao mercado central da sua cidade, e és a única pessoa a quem ele pode recorrer para chegar ao mercado.
 - a) Como você faria para poder instruí-lo a chegar ao mercado da sua cidade?
 - b) Como terias certeza de que a sua explicação iria ajudá-lo?

Portanto, esses conhecimentos pensamos que devem ser do domínio do aluno, bem como do professor dentro da sala de aula, até porque de acordo com Chartier (2001, p. 215), “a leitura constitui uma ação que dialoga com o funcionamento da sociedade e das diversas práticas que possibilitam interação entre os sujeitos, conduzido ou encurralado, o leitor encontra-se invariavelmente inscrito no texto, mas este, por sua vez, inscreve-se de múltiplas formas em seus diferentes leitores”.

Atividade 2

Nesta seção, analisamos a atividade de leitura disposta na página número 119, da unidade temática 4 “A sociedade”, nessa página, o conteúdo programático a ser ensinado aos alunos são os recursos estilísticos (figuras de estilo). Para começar, os autores do livro didático começam por apresentar duas recomendações, como descritas abaixo:

- A. Diz ao teu colega, quais as figuras de estilo que conheces e dá exemplos com frases da tua autoria.
 - B. Lê o texto que te apresentamos.
-

Depois é apresentado o texto intitulado “Dia de feriado”, em função desse texto são colocadas as seguintes atividades:

Compreensão do texto

1. Certo dia, o elétrico tomou uma decisão. Qual e por quê?
2. Por que razão o elétrico se fez passar por um turista?
3. Neste poema, o elétrico comporta-se como uma pessoa. Indica a figura de estilo que o permite. Extraí do texto uma passagem que prova a afirmação em 3.

Comentário analítico 2

Nessa atividade de leitura disposta nesse texto, pensamos que o aluno para compreender as perguntas que são colocadas depois da leitura, precisa entender que a linguagem vai mais além das palavras e da simples estruturação delas, onde em “Certo dia, o elétrico tomou uma decisão. Qual e por quê?”, pensamos que o aluno precisa compreender as atitudes valorativas que caracterizam o elétrico, daí que poderá ser capaz de entender a razão dele ter tomado uma decisão e poder explicar o porquê.

De seguida, compreende-se que as características valorativas atribuídas ao elétrico, são as mesmas que também podem ser verificadas nos seres humanos, assim, podemos dizer que ocorre a exauribilidade do tema, característica da entonação valorativa, na medida em que o elétrico entona comportamentos verificados nos seres humanos. Daí, haver a necessidade de o aluno, perceber que o elétrico se trata de uma pessoa, entretanto, o texto apresenta elementos ou situações que também servem para a contextualização do termo “eléctrico”, como em:

Certo dia

Ao meio-dia

À hora de ponta

Um carro eléctrico

Resolveu

Fazer feriado

Por sua conta...

Estou farto

Farto de trabalhar

Hoje quero ir passear.

Como se pode verificar, na primeira estrofe, os tons valorativos atribuídos ao elétrico são de um móvel, um objeto “Certo dia”, “Ao meio-dia”, “À hora de ponta”, “Um carro elétrico”. Já na segunda estrofe, as características valorativas atribuídas pelo narrador ao elétrico mudam, como se pode ver em “Estou farto”, “Farto de trabalhar”, “Hoje quero ir passear”. Aqui percebe-se que se trata de tons valorativos que caracterizam os seres humanos, e o aluno compreender esses elementos será importante para a constituição de sentidos da atividade.

E com base nesse entendimento, ousamos em defender que essa reflexão considera a capacidade de mobilidade do próprio signo que é, necessariamente, marcada na mobilidade apreciativa da entonação, porque a forma pela qual o aluno deve partir para a constituição de sentidos coaduna com a visão do Círculo, de que a entonação organiza a expressão e, ao mesmo tempo, se manifesta nela (Medviédev, 2016, 1928). A avaliação social estabelece sempre uma ligação orgânica entre a presença singular do enunciado e o carácter geral de seu sentido, (2016, 1928, p. 190).

Compreendidas essas características valorativas do elétrico é que os alunos podem entender a razão dele ter tomado uma decisão e poder explicar o porquê. Segundo porque no texto, o elétrico é comparado a um carro, que tem a função de transportar pessoas e bens de um lugar para o outro, em face disso, o elétrico mostra-se indignado, exausto e resolve fazer um feriado, por sua conta, ao dizer “estou farto”, “estou farto de trabalhar”. Logo, a função de transportar as pessoas e bens de um lugar para o outro, pode se associar ao seu trabalho, razão pela qual ter tomado a decisão de fazer um feriado por conta própria, devido ao cansaço que tinha do seu trabalho.

Enquanto na pergunta em “Por que razão o elétrico se fez passar por um turista?”, primeiro o aluno deve recorrer ao extraverbal, naquilo que comumente sabemos sobre as características valorativas de um turista, porque como assevera Santos e Menegassi (2021), “o extraverbal também está relacionado ao que os interlocutores sabem em comum, ao que compreendem conjuntamente sobre o que está sendo dito”, por isso recorreremos ao Dicionário Porto Editora, que vai dizer que turista é uma pessoa que viaja para um lugar distinto daquele onde vive por um determinado período de tempo, a fim de se divertir, passear, conhecer lugares e culturas diferentes, etc.

Já para o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, concebe a palavra turista como pessoa que viaja por diversão ou recreio dentro ou fora do país. Daí, o aluno pode entender que o eléctrico se fez passar por um turista porque estava cansado de tanto trabalhar e precisava de um descanso, e que o descanso teria se estivesse na posição de um turista, porque como afirmam as definições acima, um turista é alguém que viaja para se “divertir”, “passear”, “conhecer lugares e culturas diferentes”, e não para trabalhar, e essas características valorativas descritas pelos dois dicionários também podem ser verificadas na 5.^a, 6.^a e 7.^a estrofes do texto:

Visitou os monumentos

e viu uma guia

muito apressada

[...]

O eléctrico é um turista

Gosta de passear, ver novas terras e ver o mar.

Ao cair a noite

Regressou a Lisboa

E muito contente

Como toda gente

[...].

Portanto, o conhecimento do aluno dentro da sala de aula desses elementos tal como dissemos na análise anterior é importante, porque como afirma Dahlet (2005), “o enunciado se dá numa esfera ideológica e sempre expressa uma posição avaliativa”, o que nos permite inferir que é a entonação que materializa a avaliação social.

A constituição de sentidos na atividade acima vai ser importante para a constituição de sentidos da atividade disposta a seguir em “Neste poema, o eléctrico comporta-se como uma pessoa. Indica a figura de estilo que o permite. Extraí do texto uma passagem que prova a afirmação em 3.

Para essas atividades, o aluno também precisa realizar os mesmos movimentos de constituição de sentidos, para compreender que a palavra se apresenta como um apoio para a expressão da avaliação social (Volochinov, 2017, 1929, 1930). Quando isso ocorre, o tema é

plenamente exaurido na e pela entonação expressiva, onde nesse caso, olhando para a pergunta, o projecto do dizer do eléctrico exaure as características valorativas de uma pessoa, como se pode descrever abaixo:

O eléctrico é um turista

Gosta de passear,

Ver novas terras e ver o mar.

Ao cair a noite

Regressou a Lisboa

E muito contente

Como toda gente

[...].

Com isso, portanto, se entende que a palavra expressa valores ideológicos que podem ser visualizados por meio da entonação valorativa, já que o sentido do dizer na palavra se manifesta por meio das posições sociais e avaliativas em que os interlocutores se encontram e assumem em relação ao outro. Da mesma maneira, se entende que nas duas atividades constituídas *corpus* do estudo, o conceito axiológico da entonação se manifesta, seja de maneira explícita, como de maneira implícita.

Considerações finais

Com base nas discussões empreendidas ao longo desse estudo, é notável a preponderância que o conceito da entonação valorativa exerce no processo de ensino e aprendizagem da leitura em sala de aula por meio dos gêneros discursivos e atividades de leitura, em Moçambique. Por outro lado, para a formação de leitores-ativos, consideramos importante um trabalho que parte de base até ao alcance do aluno, e isso implica que o professor na função de mediador no trabalho com a leitura, saiba lidar com perspectivas que levem a formação dos alunos como leitores e produtores de sentidos.

Nessa perspectiva, também compreendemos que o estudo permitiu compreender que a entonação valorativa pode ser aproveitada como recurso de ensino de leitura nas salas de aulas moçambicanas, porém por se tratar de um conceito que faz parte de uma nova teoria em Moçambique, carece do conhecimento dos professores de língua portuguesa, porque se o

professor, esse importante mediador, não saber ou ser ensinado a trabalhar o ensino da leitura com recurso a entonação valorativa, sua prática continuará sendo a mesma dos modelos anteriores e regressivos. Por isso, consideramos relevante, tanto na formação inicial, como na formação continuada, a formação do professor no trabalho com as novas teorias no ensino de línguas.

Este estudo, tal como fizemos referência, apresenta uma proposta colaborativa com o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano de Moçambique (MINEDH), na ampliação de teorias que podem ser mobilizadas para as salas de aulas pelos professores, com vistas a possibilitar a formação de alunos ativos e produtores de sentidos, já que o fim último da leitura é a produção de sentidos. Com isso, ao longo dessa pesquisa e tendo em conta as análises feitas, foi possível concluir-se que a entonação valorativa constitui:

- a) elemento portador da avaliação social (Medviédev, 2016, 1928);
- b) aspecto materializador da atitude avaliativa do falante (Bakhtin, 2010, 1986);
- c) aspecto avaliador da palavra em uso (Bakhtin, 2003, 1979);
- d) elemento responsável pela exauribilidade do tema (Bakhtin, 2017, 1929, 1930);
- e) aspecto que vincula o verbal ao extraverbal (Volochinov, 2019a, 1926b);
- f) elemento que serve como um fundo entonacional para o coletivo social do falante (Volochinov, 2019a, 1926b).

Portanto, olhando para os resultados obtidos nessa pesquisa, acreditamos que podem ser efetivados se se considerar a entonação valorativa como elemento inerente ao enunciado, fato que exige do aluno em condição de aprendente, realizar atividades na sala de aula para a constituição de sentidos.

E, com base na perspectiva estrutural que o ensino em Moçambique está voltado, esse estudo mostra que o ensino da leitura pode ser abordado em uma perspectiva que vindique do aluno um estabelecimento dialógico entre ele, o texto e o mundo por ele habitado, num conjunto axiológico, a permitir assim o alcance dos objectivos traçados no programa de ensino da disciplina de Língua Portuguesa, da 7.^a classe.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. Tradução de: Miotello, Valdemir, Faraco, Carlos Alberto. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2013.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução: Lufs Antero Neto; Augusto Pinheiro. 70. ed. Lisboa: Persona Psicologia, 1977. Título original: L'analyse de contenu. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod>. Acesso em: 23 out. 2024.

BEZERRA, Jane Cleide dos Santos, MENEGASSI, Renilson José. A entonação valorativa na produção de sentidos em leitura no livro didático de português. *Revista Educação em Foco* - Universidade Federal de Juiz de Fora. Vol. 26, No Especial 03. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br>. Acesso em 23 de out. 2024.

BEZERRA, Jane Cleide dos Santos, MENEGASSI, Renilson José. Entonação valorativa em atividades de leitura. Pedro e João (Ed), *Leitura e ensino de língua*, 2021, p. 195 - 235.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. *Bakhtin: conceitos-chave*. Tradução. São Paulo: Contexto, 2006

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (Org.). *A nova história cultural*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CZEREVATY, Paulo Cezar, ÂNGELO, Cristiane Milinoski Pianaro. Entonações valorativas e responsividade no documentário doméstica. *Revista interfaces*. Vol. 10 n. 4, 2019. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6067. Acesso em: 23 de out. 2024.

CZEREVATY, Paulo. Cezar, ÂNGELO, Cristiane. Milinosli. Pianaro. Valoração e entonação no dialogismo do Círculo de Bakhtin. *Revista Revel*, 2019. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files>. Acesso em 23 de out. 2024.

DAHLET, Véronique. A entonação no dialogismo Bakhtiniano. In: Brait, Beth. (Org.). *Mikhail Bakhtin: dialogismo e construção de sentido*. 2. ed. Campinas, SP: editora da Unicamp, 2005, 1997, p. 249-264.

DESTRI, Alana, MARCHEZAN, Renata. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. *Revista da ABRALIN*. 20, n. 2, p. 1–25, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1853. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php>. Acesso em: 22 de out. 2024.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA.” *Turista*”, [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/turista> [consultado em 29-10-2022].

DUBBOIS, Jean (org.). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006, 1773.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. 2.ed. Cascavel: Assoeste. Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora, 1997, 1984, p. 34-373.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikolaevich. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de: Grillo, S. Américo, E. V. São Paulo: Contexto, 2016, 1928.

MENDES-POLATO, Adriana Delmira, BELOTI, Adriana, MENEGASSI, Renilson José. Práticas epilinguísticas axiológicas na reescrita. VII CÍRCULO – *Rodas de conversa bakhtiniana: fronteiras*. São Carlos: Pedro e João editores, 2018, p. 588- 608. Disponível em: <https://periodicos.unespar>. Acesso em: 20 de out. 2024.

MENEGASSI, Renilson José, CAVALCANTI, Roseline da Silva de M. Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. *Revista Alfa*, São Paulo, 2013, p. 433-449. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 23 de out. 2024.

MUHATE, Simeão, MOURANA, Sandra, MASSANGO, Clementino, MACIE, Filipe. *Regras de Comunicação*. Língua Portuguesa. 7.ª classe, Longman Moçambique, 2004.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES Rosângela Hammes. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. Disponível em: <https://www.scielo.br/formatpdf>. Acesso em 23 de out. 2024.

PORTO EDITORA – *turista* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-10-23 14:37:26].

PORTO EDITORA – *Turista*. no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-10-29 11:00:08].

SANTOS, Katia Roseane Cortez, MENEGASSI, Renilson José. Conceitos valorativos na leitura de tirinha de quadrado. *Fórum Linguístico Florianópolis*, v. 18, n. 2, abr./jun. 2021, p. 6001-6014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/72599>. Acesso em: 23 de out. 2024.

SOBRAL, Adail. *Do dialogismo ao género: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. A construção da enunciação. In: Volochínov, Valentin. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, 1930.

VOLOCHÍNOV, Valentin. Nikolaevich. BAHKTIN, Mikhail. A palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: Volochínov, Valentin Nikolaevich. *A construção da enunciação e outros enunciados*. Organização, tradução e notas: João Wanderley Geraldi. Edição e supervisão da tradução: Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro e João editores, 2006, 2013, 1926.

VOLOCHÍNOV, Valentin. Nikolaevich. BAHKTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila, 2017, 1929.
